

Consciência, pensamento e ação no pragmatismo de William James

Fernando Cesar Pilan*

recebido: 10/2014
aprovado: 12/2014

Resumo: O objetivo do presente trabalho é investigar as noções de consciência, pensamento e ação em William James e compreender em que sentido estas atividades de nossa mente constituem-se em um fluxo contínuo experiencial. James nega a existência de uma entidade chamada consciência, entendida nos moldes dualistas como uma instância ou substância imaterial. Ao contrário, ela teria um papel fundamental na experiência do indivíduo. Esta dinâmica da atividade consciente se daria em um processo auto-seletivo que consistiria no seguinte: seria impossível para a consciência dedicar-se intensamente a todas as ações que ocorrem a todo o momento; então, a consciência teria a capacidade de selecionar sua intensidade de acordo com a necessidade de cada momento. Teríamos momentos em que a consciência se manifestaria atentamente, e momentos em que a consciência atuaria periféricamente, o que James chama de “bordas da consciência”. Segundo o autor teríamos uma constituição cognitiva marcada por um fluxo contínuo, extremamente adaptativo e dinâmico, que extrai da contingência do real sua própria compreensão da realidade, o que serve como base para as ações do indivíduo no mundo. Em suma, a filosofia de James nos apresenta uma compreensão continuísta, na qual pensamento e ação não são vistos como sendo capacidades distintas em um organismo, mas entendidos como atividades complementares e relacionais.

Palavras-chave: Pensamento, Ação, Consciência, Pragmatismo.

Abstract: The aim of this work is to investigate the notions of thought, conscious and action in William James' Pragmatism, and to understand in what sense these activities constitutes an experiential continuous flow. James denies the existence of an entity so-called consciousness conceived in dualists view (as an immaterial instance or a substance). Otherwise, it would have a fundamental role in individual's experience. This dynamical conscious activity would occur into an auto-selective process that would constitute in the following: it would be impossible to

* IFSP - Instituto Federal de São Paulo - Campus Boituva.
Em@il: ferpilan@yahoo.com.br

consciousness engages itself sorely into all actions that occurs at every moment; thus, the consciousness would have the capacity to select its intensity according to the necessity of each moment. We would have moments wherein consciousness happens awareness, and moments in which consciousness would perform itself peripherally, so-called by James as "frontiers of consciousness". According to James we would have a cognitive constitution marked by a mental continuous flow, extremely adaptive and dynamical, which extract from contingency of the real its own comprehension of reality – and it fits as ground for action of individual's world. In summary, James' philosophy shows a continuous understanding of thought and action – in which these are not conceived as distinct capacities in an organism, but regarded as complementary and relational activities.

Keywords: *Thought, Action, Consciousness, Pragmatism.*

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns apontamentos sobre como o plano do pensamento e o plano da ação constituiriam o processo contínuo da consciência, segundo o pragmatismo de William James. Para tanto, defendemos uma tese inicial, segundo a qual as teses evolucionistas de Charles Darwin foram decisivas para a consolidação do pensamento pragmatista contemporâneo e que, como veremos, são explícitas na proposta jamesiana.

John Dewey, em seu trabalho *The Influence of Darwinism on Philosophy* (1909), já apresenta uma série de reflexões sobre a relevância do legado darwinista para a filosofia contemporânea e, em especial, para o desenvolvimento do pragmatismo. Dentre estas contribuições, destacaremos duas: Primeiro, a concepção epistemológica darwinista que, contrariando paradigmas tradicionais da filosofia, propiciou uma epistemologia que toma por fundamento do conhecimento a dinâmica, a mutação, a adaptabilidade, em detrimento de fundamentações baseadas na fixidez e na passividade da mente. Em segundo lugar, a tese darwinista da *seleção natural*, recorrente no pragmatismo, que propiciou uma abordagem *naturalista* da mente, compreendendo a cognição como um processo evolutivo e natural.

Tendo as referidas contribuições darwinistas como pressupostos para o pensamento pragmatista em geral,

mostraremos em nosso trabalho como estas foram importantes para a abordagem da *consciência* proposta por William James, segundo a qual haveria um fluxo contínuo entre pensamento e ação responsável por constituir a *consciência*. Neste sentido, o autor nega a concepção tradicional dualista (principalmente cartesiana) da consciência, mostrando que os processos cognitivos conscientes seriam indissociavelmente ligados à *experiência* do organismo. Em outras palavras, James definiria a consciência em um contexto *naturalista*, atribuindo a esta um papel cognitivo de extrema relevância para a adaptação do organismo no mundo, sendo uma ferramenta vital para a sua eficaz atuação, postura, herdada do evolucionismo.

Segundo James, a investigação dos processos conscientes exige que tomemos o pensamento e a ação de maneira contínua, porque são intrinsecamente forjados dos processos evolutivos revelando a natureza dinâmica, plástica e decisivamente seletiva da consciência. Em sua obra *Princípios de Psicologia* William James deixa evidente o caráter naturalista de seu pensamento quando, primeiro, compreende que a atuação consciente é um fluxo ativo e dinâmico, no qual pensamento e ação são indissociáveis e, segundo, quando este concebe a consciência como uma *agência seletiva*.

No capítulo IX da obra *Princípios de Psicologia* (1974), o autor inicia elencando cinco características principais do pensamento, colhidas justamente de seu método *introspectivo* de investigação da consciência. Porém, antes de iniciarmos a exposição destas cinco características do pensamento, seria necessário apresentarmos a definição de introspecção oferecida pelo filósofo. James reconhece que o método introspectivo apresenta dificuldades e seria passível de falhas, contudo, considera que “a Observação Introspectiva é aquilo em que nós temos que confiar primeiramente e sempre” (JAMES, 1890, p. 121). A introspecção seria utilizada em um sentido diferente de outros tipos de teorias psicológicas como o associacionismo (atomismo) e o espiritualismo. Enquanto estas teorias, por exemplo, concebiam o pensamento ora como passível de separação em unidades, ora como uma essência, e acreditavam que a introspecção não teria o mesmo valor que os métodos objetivos de investigação, James procura investigar o que ele mesmo chama de “mente de dentro”, utilizando a introspecção,

assumindo-a como um método legitimamente empírico. Diz o autor:

A consciência, portanto, não aparece a si mesma talhada em pedaços. Palavras tais como “cadeia” ou “sucessão” não a descrevem adequadamente como ela se apresenta na primeira instância. A consciência não é algo juntado; ela flui. Um “rio” ou um “fluxo” são as metáforas pelas quais ela é mais naturalmente descrita. Ao falar dela, daqui por diante, chamemo-la o fluxo do pensamento, da consciência ou da vida subjetiva. (JAMES, 1974, p. 60)

Conforme fica evidenciado na citação, James pretende rechaçar abordagens que pretendam submeter os processos conscientes a uma análise redutiva. Por isso, sugere que somente com a utilização do método introspectivo seria possível compreender a continuidade existente nos processos conscientes. Neste sentido, a partir da investigação da mente pelo método introspectivo o autor detecta algumas características principais da cognição, que seriam:

1) Todo pensamento tende a ser parte de uma consciência pessoal. 2) Dentro de cada consciência pessoal, o pensamento está sempre mudando. 3) Dentro de cada consciência pessoal, o pensamento é sensivelmente contínuo. 4) Ele sempre parece lidar com objetos independentes de si próprio. 5) Ele está interessado em algumas partes desses objetos com exclusão de outras partes, e acolhe ou rejeita - escolhe dentre elas, em uma palavra - o tempo todo. (JAMES, 1974, p. 49-50)

As cinco características representam um resumo de todo o conteúdo que o autor irá desenvolver no capítulo IX da obra *Princípios de Psicologia*. Para os interesses de nosso trabalho iremos concentrar nossa exposição somente nas características (2), (3) e (5), ou seja: faremos breves considerações acerca das características de *mudança* em (2), de *continuidade* em (3) e do papel biológico da consciência enquanto uma *agência seletiva* em (5), conforme as seções a seguir.

Mudança e continuidade do pensamento

Como vimos, William James afirma as duas características concomitantes no processo do pensamento, a saber, a constante mudança (2) e a continuidade (3). Ao abordar a característica (2) - “Dentro de cada consciência pessoal, o pensamento está mudando” - inicialmente James se depara com um problema: como afirmar que estados conscientes distintos constituam uma continuidade entre si? Em outras palavras, se existem mudanças no pensamento, deve haver algum tipo de intervalo que nos permita inferir a passagem de um estado consciente x , para um estado consciente y . No entanto, se estes intervalos existem como sustentar a tese do fluxo contínuo do pensamento? Vejamos então como o autor aborda o problema.

A noção de *mudança* (característica 2) apresentada por James é muito próxima à noção de Heráclito. Para o pragmatista, um estado consciente nunca pode ocorrer novamente, no mesmo sentido em que Heráclito afirmava a impossibilidade de se banhar na mesma água de um rio duas vezes. No domínio do pensamento podemos ter contato com o mesmo objeto várias vezes, mas os estados conscientes não são os mesmos em todas estas experiências que temos com o mesmo objeto. Assim, ao afirmar que cada estado consciente tem sua própria peculiaridade, conseqüentemente temos a afirmação de que cada momento vivido é único e não poderá jamais ser revivido da mesma forma. Diante do entrave gerado pela constatação dos intervalos temporais que separam uma experiência consciente de outra, James consegue uma saída para sustentar sua hipótese do fluxo contínuo do pensamento (característica 3).

Se *empiricamente* nos deparamos com uma natureza dos estados conscientes marcada pela sucessão temporal de intervalos que se apresenta entre diferentes pensamentos, a *observação introspectiva* revela que nossa consciência se mostra num *continuum*. O autor nos oferece um exemplo elucidativo: imaginemos duas pessoas, por exemplo, Pedro e José. Ambos tiveram uma conversa ontem à noite antes de dormir. Durante a noite de sono foi possível constatar um intervalo de tempo no pensamento consciente de cada um. Porém, ao acordar, Pedro, mesmo podendo conceber o que José o havia dito na noite anterior, antes de dormir, ele, ainda assim, seria capaz de

diferenciar seus pensamentos dos de José. Por que esta capacidade de se diferenciar de outra pessoa ocorre? Segundo James, esta capacidade ocorre justamente porque introspectivamente nossa consciência, mesmo com intervalos temporais, é capaz de se *autorrecuperar* e estabelecer uma continuidade entre seus diferentes estados. O fato de Pedro não confundir seu pensamento com o de José se deve justamente à que sua consciência constitui uma *identidade pessoal* que é capaz de se reconhecer e estabelecer um fluxo entre um estado anterior e um presente.

A continuidade da consciência deveria ser entendida “no sentido das partes sendo interiormente ligadas e juntadas porque são partes de um todo comum, a consciência permanece sensivelmente contínua e única. Qual é agora o todo comum? O nome natural para ele é *eu mesmo, eu* ou *mim*.” (JAMES, 1974, p. 59). Retomando o exemplo, se sua consciência não tivesse uma continuidade intrínseca a seus diversos estados temporais, Pedro não teria um *self* que o diferenciaria, para ele mesmo, de José. William James utiliza a noção “bordas da consciência” para se referir a esta capacidade que nossa consciência tem de, mesmo com a existência de intervalos, se encontrar e reconhecer a si mesma.

Na inconsciência produzida pelo óxido nítrico e outros anestésicos, pela epilepsia e pelo desmaio, as bordas quebradas da vida sensível podem se encontrar e se fundar acima do intervalo [...] Uma consciência como esta, qualquer que seja para o psicólogo espectador, não é por si mesma fragmentada. Ela *sente* de modo não fragmentado; um acordar diário que as próprias horas são unidades, tendo todas as suas partes próximas entre si [...] (JAMES, 1974, p. 58-59).

Assim, nosso pensamento teria capacidades que não se reduziriam à consciência explícita, mas que se manifestariam também nas atividades cognitivas não conscientes e não explícitas. Quando, após o sono, nosso pensamento é capaz de se reencontrar e estabelecer uma unidade entre os estados conscientes de ontem à noite e os de hoje cedo, isto se deve à capacidade de nosso pensamento atuar mesmo quando não estamos em vigília, através da *memória*. Haveria uma espécie de atividade cognitiva *inconsciente*, que se situaria justamente no domínio daquilo que James chama de *bordas da consciência*:

este âmbito de nosso pensamento parece relacionar-se justamente com a importância cognitiva do corpo. A consciência, para o autor, não seria uma atividade típica de uma substância ou alma (no sentido cartesiano) que existiria dentro de um corpo, mas uma atividade típica do corpo ativo no mundo, que mesmo em estados de intervalo, seguiria atuando continuamente porque há uma unidade de caráter biológico, que constitui a identidade do organismo. Justamente esta relação intrínseca entre pensamento e constituição biológica será considerada pelo autor para tratar da consciência como uma *agência seletiva* (característica 5), conforme veremos a seguir.

A consciência entendida como uma agência seletiva

Como vimos até aqui, segundo William James, haveria um fluxo contínuo do pensamento que seria estabelecido por nossa capacidade de se manter enquanto uma consciência idêntica a si mesma, mesmo diante de intervalos temporais de nosso pensamento. Esta conclusão foi possível somente com a concepção de consciência incorporada, uma consciência ativa, que se revela um todo complexo orgânico dentro do ambiente em que está inserido. Como explicitaremos nesta seção, James confere à consciência um papel fundamental, que seria o de atuar seletivamente com a inúmera variedade de percepções que o organismo se depara a cada momento. Esta capacidade da consciência de escolher incessantemente é motivada por interesses adaptativos do próprio indivíduo. Neste sentido, pensamento e ação se entrelaçariam no fluxo ininterrupto da experiência, porque toda atitude consciente é, em si mesma, um agir, uma vez que é balizada por interesses e escolhas dentro do ambiente em que está situado (*embedded*).

Diante de um mundo marcado pela variação constante, os sentidos forneceriam uma realidade repleta de contingências e caberia à *consciência* selecionar somente os aspectos da realidade que se mostrem importantes para o indivíduo. Segundo Knox (1914) a teoria de James promove uma aproximação entre consciência e vida, entrelaçando o plano dos processos cognitivos com o plano da ação, defendendo um papel biológico da consciência de extrema relevância para a vida. Neste sentido:

1 - A cognição deixa de ser biologicamente inútil. [...]

Problemata: R. Intern. Fil. v. 5. n. 2 (2014), p. 274-284
e-ISSN 2236-8612

2 - A mente se torna uma unidade orgânica de função.
[...] 3 - A mente se torna um instrumento de escolha.
[...] 4 - A consciência é tomada como um fator vital, assim ela eleva o conceito de vida para uma denominação maior do que apenas a vida física. [...] 5 - Uma vez que o ambiente no qual o organismo reage é o ambiente que existe para a consciência do organismo, e como o ambiente é visto como um produto da eliminação seletiva feita pela consciência, conclui-se que a seleção consciente cria o mundo conhecido exatamente no mesmo sentido no qual a seleção cria as espécies. (KNOX, 1914, p. 22-23 *apud* ARAKI, 2009, p. 71)

Como é possível depreender da citação, a consciência seria naturalmente forjada dos processos evolutivos de adaptação e teria, segundo James, um papel fundamental para a manutenção da vida individual. A consciência funcionaria como uma agência seletiva na medida em que diante de um mundo repleto de sensações que nos são transmitidas pelos sentidos, seria impossível ao pensamento focar atentamente a todas as manifestações da realidade. Neste sentido, pode-se dizer que a maior parte daquilo que se apresenta ao organismo acabaria sendo ignorada por sua *atenção* uma vez que esta frisaria apenas características que se mostrem relevantes.

Os “critérios” de seleção da consciência estariam intimamente ligados à história evolutiva do organismo e às condições ambientais em que este se encontra, e isto delimita quais características e aspectos da realidade a atenção consciente se empenhará. Após a filtragem inicial das características mais brutas das sensações a consciência promove uma segunda seleção a partir da qual o organismo organizará sua *representação* da realidade e sua visão acerca do mundo. E, segundo James, este processo de seleção da mente vai se replicando e se complexificando a ponto de compreendermos:

que todo o Raciocínio depende da habilidade da mente em dividir em partes a totalidade do fenômeno sobre o qual raciocinamos, e escolher, entre estas, aquela em particular que, em nossa dada emergência, pode conduzir à conclusão apropriada [...] o Raciocínio não é senão uma outra forma da atividade seletiva da mente. (JAMES, 1974, p. 95)

Portanto, o papel seletivo da consciência seria perceptível justamente em sua natureza ininterrupta, que ao comparar as possibilidades ambientais elegeria apenas algumas características mais relevantes. (ARAKI, 2009). Por isso, cada pensamento extrai sua própria realidade da mesma fonte de sensações, e esta realidade que o indivíduo “cria” para si serviria como alicerce para sua atuação no mundo.

O mundo de cada um de nós, tão diferentes quanto possam ser nossas visões dele, fica imerso (*embedded*) no caos primordial de sensações, que a matéria simples deu ao pensamento de todos nós indiferentemente [...] Meu mundo é apenas um entre milhões de mundos igualmente imersos (*embedded*), igualmente reais para as pessoas que possam abstraí-los. Quão diferentes devem ser os mundos na consciência de uma anta, peixe ou caranguejo! (JAMES, 1974, p.96)

Portanto, quando James afirma que a consciência é uma agência seletiva afirma a indissociabilidade entre pensamento e ação, na medida em que pensar (ter consciência) implica vida, agência, atividade, interesse, etc.. É justamente por isso que cada momento consciente se torna único: cada processo de seleção da mente está ligado a um valor ético e à identidade do indivíduo, pois, cada escolha da consciência é uma dentre as várias possibilidades, de tal forma que uma conduta atual é o que fixará e determinará o futuro do organismo e qual identidade ele terá neste futuro.

Considerações finais

Como tentamos mostrar em nosso trabalho, pensamento/consciência e ação constituem um *fluxo contínuo* experiencial. Ao recuperar alguns pressupostos da teoria da evolução, James promove uma aproximação entre os processos cognitivos e a vida, mostrando que a consciência não é uma instância que se encontra presente *no* corpo, mas ela *é* corpo. Neste sentido, justifica-se a postura do autor em afirmar um papel biológico fundamental da consciência que é o de funcionar como uma agência seletiva diante do ambiente.

A consciência que cada organismo tem do mundo é sempre uma visão a partir de seu ponto de vista. Segundo James,

cada ser consciente cinde o mundo em duas partes igualmente iguais: uma das partes é o *eu*, a outra parte é o restante do mundo. Por isso o autor afirma:

Mesmo o verme esmagado contrasta seu ego sofredor com o restante do universo, apesar de ele não ter nenhuma concepção clara, seja de si mesmo, seja do que o universo possa ser. Ele é para mim uma mera parte do mundo; para ele, sou eu a mera parte. Cada um de nós dicotomiza o cosmo num lugar diferente. (JAMES, 1974, p. 97)

Ser consciente é o que confere a um ser vivo a convicção de que o mundo é outra parte da realidade que não se mistura com a sua. Mas, mesmo tendo consciência desta divisão entre o que é *eu* e *não eu*, um organismo é impulsionado por sua natureza consciente a envolver-se nesta realidade que o confronta, buscando através de seu pensamento ativo ter uma visão cada vez mais adequada da realidade.

Em suma, o pragmatismo de William James traz relevantes contribuições para diversas áreas como Psicologia, Filosofia da Mente, Epistemologia, Ética, Filosofia da Ação, dentre outras. Tais contribuições se fundam justamente em sua abordagem *continuista* da mente, segundo a qual pensamento e ação constituiriam intrinsecamente um processo natural no curso da vida.

Referências

ARAKI, M.J. *Filosofia e Psicologia em William James*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2009.

DEWEY, J. *The Influence of Darwin on Philosophy* (1909). Disponível em: <http://www.brocku.ca/MeadProject/Dewey/Dewey_1910b/Dewey_1910_toc.html>. Acesso em: 17 set. 2011.

HERÁCLITO. *Fragmentos contextualizados*. Trad. Alexandre Costa. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

JAMES, W. *The Principles of Psychology*. Chicago: Encyclopedia Britannica, Inc, 1890.

_____. *Princípios de Psicologia*. Trad. Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores).
KNOX, H. V. *The Philosophy of William James*. London: Constable & Company LTD, 1914.